

3 A escola pesquisada

3.1 Caracterização do Bairro

A Barra da Tijuca é uma das áreas que constituem a Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, ocupando uma área de 165,59 km.

Os dados estatísticos mais recentes a seu respeito, disponibilizados pelos órgãos oficiais, são do ano de 2000. Naquela ocasião, a Barra da Tijuca tinha uma população de 174.353 pessoas distribuídas em 55.274 domicílios. Desse total, 31.107 pessoas residiam em favelas. Embora não haja dados mais atualizados sobre esses números, o que se percebe visualmente (ao se trafegar pelo bairro ou observar fotografias aéreas em reportagens e outros meios de registro) é um aumento de ambas as populações, sendo que, no caso das favelas, este aumento se torna mais gritante pelas características de seu avanço físico pelos espaços livres ainda disponíveis no bairro.

A explicação da constituição da Barra da Tijuca como um bairro de contrastes, deve-se ao modo como se deu sua ocupação. Ao contrário das intenções originais do Plano Lucio Costa¹², que previa espaços para todas as camadas da população durante o processo de ocupação das áreas então desertas, o que ocorreu, como afirma Silva (2004), foi que

a atuação dos agentes imobiliários (leia-se os atores particulares envolvidos no processo de construção do espaço urbano: o grande capital imobiliário, que engloba as empresas construtoras, os promotores imobiliários e os corretores de imóveis) contribuiu efetivamente para que a Barra da Tijuca se tornasse uma área destinada a uma classe média privilegiada, excluindo as camadas mais baixas da população. Com isso criou-se um estereótipo para a Barra da Tijuca como sendo um lugar de emergente, mas com uma conotação negativa, e, como não havia e não há projetos de moradia que beneficie classes mais baixas, as favelas nascem como uma alternativa de moradia da classe baixa.

¹² Plano arquitetônico e urbanístico que planejou a ocupação da zona oeste do Município do Rio de Janeiro, especialmente a região da Barra da Tijuca.

Esta observação é importante para que a leitura dos quadros estatísticos leve em consideração que a média nem sempre expressa a realidade social, devendo ser considerado, a todo momento, este quadro de contrastes entre extremos sócio-econômicos. Além disso, os alunos atendidos pela Escola da Barra pertencem aos quadros descritos no texto acima como *classe média privilegiada*, acompanhada da conotação pejorativa do termo *emergente*, sem que necessariamente estes termos possam ser generalizados tão superficialmente para todos eles.

As projeções da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro previam, para o ano de 2005, uma população de 229.609 habitantes. Se considerarmos que as crianças e adolescentes constituem de 20 a 23% desse total, teremos uma população na faixa entre 46.000 a 53.000 habitantes, em idade escolar.

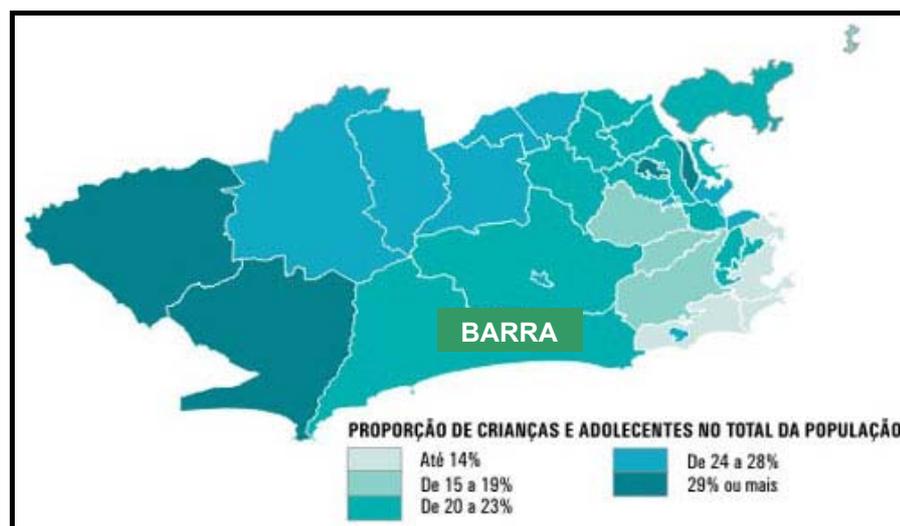


Figura 1 – Distribuição percentual da população de crianças e adolescentes no Município do Rio de Janeiro. A Barra da Tijuca tem entre 20 e 23% de sua população nesta faixa etária.

O contraste a que nos referimos torna-se palpável quando observamos o mapa com a distribuição desses dois grupos que constituem os extremos da população: enquanto as camadas médias/altas da população ocupam a orla, com seus condomínios fechados, as favelas se distribuem, em sua grande maioria, nas regiões da baixada de Jacarepaguá, cortada por rios e lagoas.

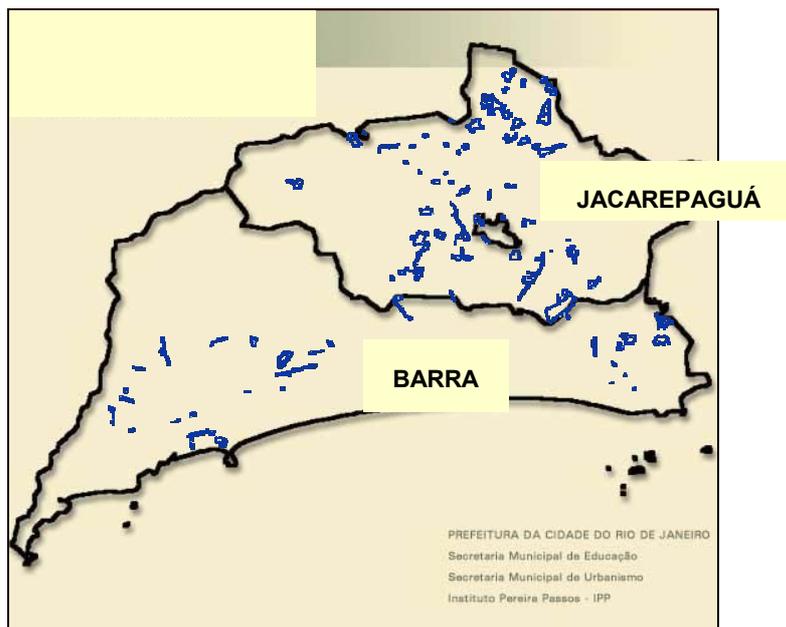


Figura 2 – Distribuição da população da Barra da Tijuca e Jacarepaguá, segundo a posição sócio-econômica: na orla, as camadas médias-altas; na “baixada”, as favelas (em azul).

Quanto aos serviços de atendimento a essas populações, ao atentarmos para o setor de educação, observamos que, enquanto a educação pública estatal se concentra nas regiões de favelas, a educação privada se localiza na orla e próxima às regiões de moradia das camadas médias/altas da população.

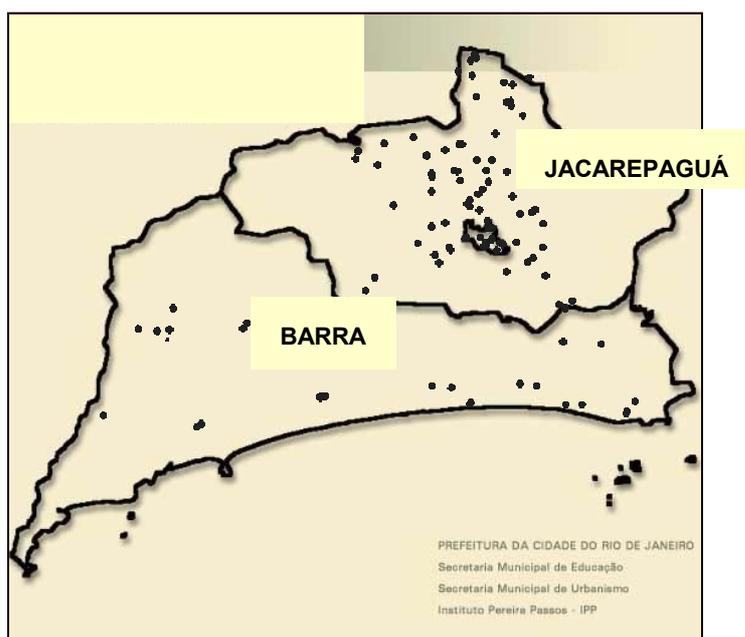


Figura 3 – Distribuição das escolas públicas na Barra da Tijuca e na baixada de Jacarepaguá. Os pontos em preto assinalam a localização das escolas públicas.

O que se percebe, quando estas diversas variáveis são analisadas em seu conjunto, é que a Barra da Tijuca constitui-se numa região de extremos, concretizando num bairro, aquilo que Zuenir Ventura chamou de *cidade partida*. Esta observação assume grande importância neste trabalho porque, não apenas, os alunos da Escola da Barra, assim como suas famílias, alguns de seus professores e funcionários fazem parte do universo que acabamos de caracterizar, mas especialmente porque ela, a escola, acaba por se tornar um dos poucos espaços possíveis onde esses dois extremos podem conviver e relacionar-se em bases diferentes daquelas a que estão habituados no cotidiano.

No dia-a-dia dos moradores da Barra, essas populações se excluem em termos espaciais e a miséria de uma parte dela torna-se velada aos olhos da outra. Nas escolas, as pessoas que compõem essas populações têm que conviver em outras circunstâncias para além daquelas a que estão habituadas a fazê-lo. Se no cotidiano das famílias privilegiadas da Barra, a população pobre aparece na figura dos diversos empregados que a atendem e sobre quem exercem uma relação patronal, não é exatamente isso que ocorre nas escolas. Ali, os pobres exercem funções auxiliares, mas não são *empregados* dos alunos, e sim, funcionários da instituição. Nesta diferenciação, abre-se uma possibilidade interessante de, não apenas, *desvelar* (no sentido de retirar o véu) as relações entre essas duas populações do bairro, mas também de refazer essas mesmas relações em outros moldes.

No caso específico da Escola da Barra, é interessante perceber que os funcionários de serviços auxiliares, ajudantes dos diversos serviços, copeiras, faxineiras e porteiros assumem suas tarefas educadoras e marcam de modo bastante diferenciado essas relações, que poderiam ser de outra natureza, ou nem mesmo existir, não fossem as oportunidades que a escola cria para isso. No recreio de 28/10/2005, registrei no diário de campo a atitude e as observações de uma das copeiras:

Arrumadeiras entram e começam a arrumar a sala de lanche. Colocam as cadeiras nos lugares, guardam coisas, recolhem lixo, etc. Crianças vêm pegar pedras de gelo na geladeira e a arrumadeira chama a atenção de modo bastante educativo: “se for para usar seriamente, pode pegar; mas, se for para brincar, evitem, pois mais tarde alguém pode precisar do gelo ao se machucar e não vai ter na geladeira”. Vira-se para mim e diz: “Às vezes, eles pegam só para se refrescar”.

Quando trazemos as possibilidades pedagógicas, referimo-nos ao detalhe com que certas situações podem ser conduzidas pela escola, e que podem ser exemplificadas no relato feito pela supervisora pedagógica de um projeto envolvendo a relação entre alunos e funcionários:

Por ocasião do dia do trabalho, os alunos foram entrevistar os funcionários de serviços auxiliares. Para que pudessem perceber as pessoas que exercem as funções, recomendamos que a entrevista fosse feita no horário de entrada ou de saída, para que eles fossem vistos sem o uniforme, mas com as roupas que usam fora da escola, seus penteados, a maquiagem das mulheres... era importante perceber uma pessoa por trás da função que ela tem na escola...

Outro aspecto que justifica o fato de destacarmos estes indicadores sociais e o modo como se organizam na Barra da Tijuca, relaciona-se com o fato de que essa exclusão física, esse apagamento visual da realidade, ultrapassa as barreiras geográficas e invade os procedimentos pedagógicos, a tal ponto que, mesmo numa instituição como a Escola da Barra, seu projeto pedagógico e suas ações padeçam de uma perspectiva política mais abrangente e explícita. Suas ações parecem se restringir a uma solidariedade entre pares ou de cunho meramente assistencialista, que só começa a abrir seus horizontes a partir da oitava série. Neste momento específico da trajetória escolar dos alunos, o trabalho proposto pela Escola da Barra, em torno de um documentário-denúncia coloca os alunos diante da necessidade de desenvolverem um olhar que lhes permita ver o que precisa ser denunciado. Mas, até esse momento, este tipo de observação da realidade não aparece tão explicitamente em sua proposta nem em suas práticas. Em momento adequado deste trabalho, voltaremos a esta questão, analisando-a em maior profundidade. Fica, por ora, seu registro, para que estes dados sejam lidos com maior atenção.

Dado significativo para os fins desta pesquisa (que reforça a caracterização da Barra como uma área de contrastes) é, também, aquele apontado pelas Tabelas 1 e 2: mais da metade dos responsáveis pelos domicílios tem educação superior, com mais de 14 anos de estudo para sua formação. Ao mesmo tempo, mais de 20 % da população tem de 0 a 4 anos de escolarização.

Alfabetização	183
Primário	4.537
Ginásio	1.261
Clássico	1.485
1o Grau	9.301
2o Grau	7.111
Superior	25.387
Mestrado	2.866
Nenhum Curso	2.363

Tabela 1 - Escolaridade máxima dos responsáveis pelos domicílios (ano 2000).

Sem instrução	2.363
1 ano	1.198
2 anos	1.306
3 anos	1.656
4 anos	4.346
5 anos	1.499
6 anos	746
7 anos	1.144
8 anos	3.611
9 anos	505
10 anos	789
11 anos	6.736
12 anos	995
13 anos	1.497
14 anos	1.907
15 anos	11.124
16 anos	8.181
17 anos	4.549
Não determinado	342

Tabela 2 - Anos de estudo dos responsáveis pelos domicílios (ano 2000)

A distribuição de renda vem confirmar a afirmação dos parágrafos anteriores acerca dos contrastes: cerca de 40% dos responsáveis pelos domicílios ganha acima de 20 salários mínimos. Aqui, é interessante observar que não há uma relação direta entre escolaridade e renda, pois mais de 10% daqueles que têm maior escolaridade não percebem os salários mais altos.

Renda em SM	Total	Em Favelas
Até 1/2	71	25
de 1/2 a 1	1.878	934
de 1 a 2	4.785	2.385
de 2 a 3	3.821	1.801
de 3 a 5	4.061	1.581
de 5 a 10	5.754	899
de 10 a 15	3.879	83
de 15 a 20	5.757	47
acima de 20	21.368	25

Tabela 3 – Renda dos responsáveis pelos domicílios segundo a Renda Nominal Média em Salários Mínimos (ano 2000)

Esta falta de relação direta entre escolaridade e renda é outro aspecto que marca a população da Barra da Tijuca. Habitado por muito profissionais *de sucesso* e altos ganhos financeiros, trata-se de um local onde certas habilidades falam mais do que a escolaridade, na medida em que esses profissionais bem-sucedidos constituem-se, em parte, como pessoas para quem o sucesso não resultou diretamente da escolaridade formal. Esta afirmativa pode ser constatada no discurso de alguns professores que relatam casos de pais que não valorizam o saber escolar, além de situações em que, questionados quanto à suas responsabilidades em relação aos deveres escolares e às posturas em turma, os alunos afirmam que não precisam se preocupar com isto, pois herdarão negócios familiares, ou mesmo, fortunas acumuladas, o que lhes permite relativizar as aprendizagens propostas pela escola. Este tipo de resposta dos alunos conta, em alguns casos, com uma certa tolerância por parte de alguns pais.

3.2 A escola pesquisada

Para a caracterização da Escola da Barra, uma primeira observação importante é que o proprietário da Escola da Barra é arquiteto. Assim, a concepção com que a escola foi construída apresenta algumas particularidades na sua arquitetura. O uso de alvenaria, por exemplo, se dá nas extremidades de grandes espaços, com as divisões interiores demarcadas por divisórias. Isso oferece amplas e ágeis possibilidades de reorganização interna. Segundo o que pudemos constatar em conversas informais e entrevistas, este modo de construção seria intencional, de modo a acompanhar a rapidez com que mudam as concepções pedagógicas, além de acompanhar as necessidades administrativas de aumentar ou diminuir espaços. De certo modo, traduz, também, uma posição pessoal de não querer definir o pedagógico a partir da arquitetura, na medida em que, não tendo formação em Educação, o proprietário da escola deixa que isso vá sendo definido aos poucos pelos educadores. Constata-se, aqui, aquilo que afirmam autores como Viñao Frago (1998): a arquitetura escolar não é neutra, na medida em que expressa uma determinada concepção educativa.

Trata-se de uma escola que se iniciou de pequeno porte, com pouco mais de 100 alunos da educação infantil, encontrando-se hoje, doze anos depois de fundada, com cerca de 800 alunos. Com a abertura do ensino médio a partir de 2006, aproxima-se de 900 alunos.

O segmento que nos interessa para a pesquisa (Ensino Fundamental II) funciona em 2 ciclos de 2 anos cada (5^a e 6^a séries constituindo o 3^o ciclo; 7^a e 8^a série constituindo o 4^o e último ciclo). Tem 254 alunos alocados em 10 turmas, o que nos dá a média de 25,4 alunos por turma, abaixo da média municipal de 32 alunos por turma, todas funcionando no turno da manhã (de 7h30min às 13h).

As mensalidades pagas pelos Responsáveis são de R\$ 898,30¹³ para o ensino fundamental II. Esses valores, quando considerados junto aos sinais exteriores de riqueza apresentados pelos alunos e pais¹⁴ permite situar os alunos e

¹³ Equivalente a 3 salários mínimos regionais (R\$ 300,00) ou 3,5 salários mínimos nacionais (R\$ 260,00) em setembro de 2005.

¹⁴ Chamo de sinais exteriores de riqueza elementos como os equipamentos que os alunos trazem de casa, como telefones celulares, aparelhos de som dos tipos mais modernos (i-pod, mp3 player, etc). Outro elemento interessante são os veículos que trazem os alunos para a escola, quase todos de alto valor no mercado, sendo muitos conduzidos por motoristas particulares.

suas famílias nas camadas altas e médias-altas da população, quanto ao seu nível econômico.

3.3 Os professores de 5ª a 8ª série

Dos 19 professores entrevistados, 12 devolveram o questionário preenchido (Anexo 2), permitindo-nos conclusões que não devem ser generalizadas, mas apontam algumas tendências a serem consideradas.

3.3.1 A Formação dos Professores

Mais da metade dos professores têm pós-graduação em nível de especialização (Ver Anexo 3).

Em relação aos processos da sua escolarização básica, os professores se dividem em 3 grupos: aqueles que cursaram essa etapa em escolas públicas, os que o fizeram em escolas privadas e os que mesclaram essas duas possibilidades, numa situação de grande heterogeneidade, no que se refere às suas instituições formadoras. Ao lado de instituições públicas e privadas de reconhecida qualidade, há aquelas que não têm a mesma representação de qualidade acadêmica. Isto aponta para a impossibilidade de fazer inferências sobre a qualidade do trabalho docente da equipe, a partir da formação superior de seus componentes. Ao mesmo tempo, é significativo o número de professoras (7 em 22) que fizeram seu Ensino Médio na modalidade normal.

Quando questionada a respeito deste fato, a Diretora Pedagógica respondeu que, mais importante do que a instituição de origem do professor, é a sua disponibilidade para manter-se em processo de formação permanente. Como a Escola da Barra realiza grandes investimentos neste sentido, acredita-se que, naquele contexto, atendidos os requisitos mínimos que podem conferir qualidade

ao trabalho do professor, o que mais importa é a disponibilidade e o empenho do professor na busca do permanente aprendizado.

Além disso, aplica-se, aqui, a análise feita no documento Estatísticas dos Professores no Brasil, publicado pelo INEP em 2003:

Há uma relação direta entre a formação docente e o nível socioeconômico dos alunos e este é um problema muito sério, se pretendemos construir um sistema educacional igualitário. O que os dados mostram é que os alunos que já são economicamente mais beneficiados também se beneficiam da presença de professores mais qualificados. (P. 40)

3.3.2

Trajetória social do professor em relação aos ascendentes familiares

A comparação com gerações anteriores na família de cada professor mostra que boa parte deles vivenciou, em termos de trajetória escolar familiar, uma mobilidade social ascendente: enquanto a escolaridade máxima da geração dos avós (no caso dos que tinham alguma escolaridade) era o ensino médio, na geração dos pais, boa parte deles cursou graduação, fato observado na totalidade dos professores.

No que se refere às profissões exercidas pelos membros das suas famílias, pode-se inferir raciocínio semelhante, embora as diferenças entre as profissões exercidas pela geração dos pais e pela geração dos avós não apresentem grandes diferenças entre si, quando consideradas em seu conjunto, salvo em duas exceções. A primeira diz respeito ao papel das mulheres, em sua grande maioria apresentadas como *do lar* em todas as gerações. A segunda refere-se à quantidade de trabalhadores rurais na geração dos avós, que vivenciou um tempo em que a maior parte da população brasileira vivia no campo, e não nas cidades.

Este aspecto deve ser levado em conta pelos *fundamentos motivacionais ou afetivos* que oferecem às práticas docentes, na medida em que *estão enraizadas na história de vida do professor e em sua personalidade e são portadoras de conseqüências não-intencionais* (TARDIF, 2002:214).

3.3.3 Ocupação por segmento e renda

Dos 12 professores que responderam ao questionário, apenas 1 trabalha na educação infantil, em escola pública e em escola particular, enquanto 2 trabalham no segmento de 1ª a 4ª série, sendo 1 em escola pública e 1 em escola particular.

No segmento com o qual estamos trabalhando, dos 12 professores, 7 trabalham somente em escolas particulares e 5 trabalham em escolas das duas redes (pública e privada).

Quatro professores atuam, ainda, no Ensino Médio, sendo 1 somente na rede pública, 3 somente na rede privada e 1 nas duas redes.

Quanto à renda mensal, foi pedido aos professores que informassem os valores, segundo a tabela abaixo:

Faixa de Renda	Renda Pessoal	Renda Familiar
Abaixo de 10 S.M.	5	0
De 10 a 15 SM	5	3
De 15 a 20 SM	2	2
De 20 a 25 SM	0	2
De 25 a 30 SM	0	4
Acima de 30 SM	0	1

Tabela 4 – Renda Salarial dos Professores da Escola da Barra

Comparando os dados desta Tabela com os da Tabela 3, pode-se situar os professores junto a cerca de 60% dos(as) *chefes de família* do bairro, já que nenhum deles tem renda pessoal mensal acima de 20 salários mínimos, como ocorre com cerca de 40% dos responsáveis pelas residências da região. Mesmo quando a renda se compõe com outras pessoas da família, cerca de 40% dos professores ainda permanecem com renda abaixo dos 20 salários mínimos, o que nos permite concluir, a esse respeito, que ocorre uma espécie de inversão no posicionamento econômico dos pais de alunos e dos professores: enquanto cerca de 40% dos pais têm renda individual suficiente para manter seus filhos numa escola privada desse tipo, apenas 40% dos professores consegue compor uma renda familiar que os situe no mesmo grupo econômico dos pais.

Esta comparação de rendas é interessante porque nos permite levantar questões acerca das relações dos professores com os alunos e suas famílias. Uma delas é que, em termos de média estatística, esse grupo de professores não vivencia uma experiência de relação entre pares, pelo menos sob o ponto de vista econômico: em relação aos alunos da Escola da Barra, a maioria encontra-se abaixo da faixa de renda das famílias dos alunos, enquanto aqueles que atuam também no município encontram-se com renda familiar acima da imensa maioria das famílias de seus alunos.

Ainda assim, trata-se de um grupo de professores que pode ser situado, em termos estatísticos, entre aqueles que percebem maior remuneração, quando comparados à média salarial nacional ou à média salarial informada pelo Sindicato de Professores do Rio de Janeiro (Sinpro-Rio). O Anexo 5, por fim, apresenta um quadro comparativo entre os salários da Escola da Barra e outras dez instituições de porte semelhante.

3.3.4 Ocupação do tempo

Se considerarmos o total de horas trabalhadas na escola pelos 12 professores que responderam ao questionário, tanto em sala como em atividades fora de sala, chegaremos ao total de 389 *tempos*¹⁵. O número de horas-aula gastas com trabalho em casa chega ao total de 132, isto é, 34% do tempo ocupado na escola. Quando consideramos somente o tempo trabalhado em sala de aula, chegamos a 304 tempos, o que faz com que as horas trabalhadas em casa, consideradas em relação a esse total, chegue ao patamar de 43%.

Outro modo de considerar o trabalho dos professores em casa é através da média de horas-aula gastas com tal atividade, que chega a mais de 10 por semana. Se considerarmos que boa parte do trabalho em casa é realizado à noite ou nos finais de semana, é possível imaginar o quanto isso deve custar para a convivência

¹⁵ No Rio de Janeiro, *tempo* é o nome dado à hora-aula que, no horário diurno, foi modulada em 50 minutos e, no horário noturno, em 40 minutos. A partir do Parecer 5/1997 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, esta modulação foi suspensa, sob o ponto de vista pedagógico, na medida em que cada escola, em sua proposta pedagógica, saberá melhor regular o tempo de suas atividades e componentes curriculares. Para efeito trabalhista, porém, o Sindicato dos Professores e o Sindicato das Escolas Particulares do Rio de Janeiro mantêm a prática de considerar cada módulo-aula como sendo de 50 minutos.

familiar dos professores. Porém, quando questionados a respeito disso nas entrevistas, de um modo geral eles respondem que conseguem conciliar a situação, ou através de mecanismos criados para isso ou por causa da compreensão dos companheiros, companheiras e filhos com os quais convivem.

Chama-nos a atenção o fato de que, mesmo se tratando de professores que dispõem de carga horária fora da sala de aula na Escola da Barra, ainda assim, tanto em relação a esta, como nas demais escolas em que trabalham, o tempo de trabalho em casa varia muito pouco: o tempo de trabalho em casa é 30% do tempo trabalhado na Escola da Barra e 33% do tempo trabalhado nas demais escolas (Ver Anexo 7).